

DIÁLOGOS COM OS TEMPOS DE OUTRORA

A DISCIPLINA DE ARTES VISUAIS E OS TRABALHOS MANUAIS

Mariana Guimarães

marianasguimaraes@hotmail.com

Colégio de Aplicação – UFRJ

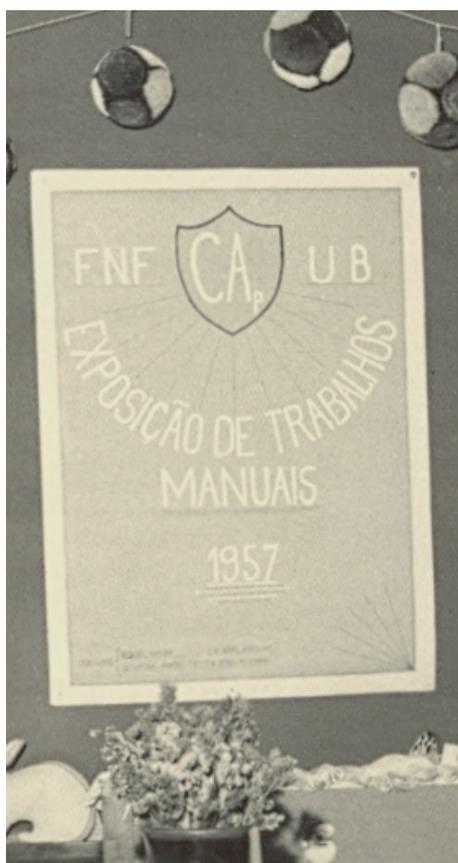
Palavras-chaves : Ensino da arte, trabalhos manuais e contemporaneidade.

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo apresentar, ainda que breve, a origem da disciplina de Artes visuais no Colégio de Aplicação, que desde sua criação em 1948 já possuía em seu currículo esta disciplina, porém com o nome de Trabalhos manuais e uma proposta pedagógica diferente da atual. E visa promover o resgate e a memória da disciplina e o diálogo com tendências metodológicas do passado nos dias atuais.

1 . A disciplina de Artes Visuais no CAP-UFRJ nos tempos de outrora.

O Colégio de Aplicação foi criado em 1948, sendo o primeiro colégio de Aplicação do Brasil. Desde sua idealização a disciplina de Artes visuais está presente no currículo do Colégio, porém com o nome de Trabalhos manuais e com outra proposta pedagógica, diferente da atual. É possível conhecer em documentos da época presentes no acervo do PROEDES¹ na Faculdade de Educação - UFRJ, a trajetória e importância da disciplina desde sua criação nos planos de curso e relatórios realizados pelos professores e arquivados neste acervo.



*Cartaz da exposição
de trabalhos manuais
Cap-UFRJ – 1957*

Em um plano de curso de 24 de setembro de 1948, a professora de trabalhos manuais Yone Sério de Oliveira expõe a importância das aulas de trabalhos manuais para os alunos como uma “educação profissional, espiritual e estética.” As aulas eram direcionadas aos estudantes do curso ginásial e a turma era dividida em grupos de meninas e meninos. O conteúdo curricular também era diferenciado, nas aulas de Trabalhos manuais educativos masculinos ministrados pelo professor Afonso Pereira, os rapazes aprendiam a preparar e conservar as ferramentas, a realizar trabalhos em madeiras e cartonagem. E nas aulas Trabalhos manuais e educação doméstica, as meninas aprendiam a costurar, bordar, fazer crochê, tricô, tapeçaria, enxovais, monogramas e etc. E também noções de nutrição, alimentação, puericultura, despesas domésticas, primeiros socorros, e modos de receber em casa, como a arrumação de mesas, a redação de convites e etc. No final do ano além das exposições dos trabalhos, a produção realizada nessas aulas era doada para instituições de caridades e maternidades.

¹ Proedes – Faculdade de Educação – UFRJ – Programa de estudos e documentação educação e sociedade.

O principal objetivo da disciplina era *“a educação integral, preparando e adaptando as jovens para as exigências da vida moderna... onde a adolescente adquire noções básicas e práticas para sua atuação como mulher, no seio da família e sociedade”*, conforme apresentou a professora Durvelina Santos no relatório da disciplina enviado ao diretor do CAp –UFRJ, Narciso Alves de Matos em 1951.

É necessário compreendermos o contexto social em que essas aulas e conteúdos eram ministrados, pois naqueles tempos de outrora a educação feminina através dos trabalhos manuais era fundamental na formação dessas alunas. Uma época em que o ensino dessas técnicas fazia parte dos vínculos de sociabilização primárias e eram apreendidos tanto esfera educacional como também na esfera doméstica, transmitidos de mães para filhas. As técnicas artesanais *inculcadas e apreendidas* no âmbito doméstico e educacional eram muito importantes na educação de uma moça no início e meados do século passado, fosse na forma de atributos essenciais para formação de uma moça de finos tratos, prendada esposa, boa mãe e rainha do lar, tanto na formação e qualificação profissional de moças pobres, através de uma profissão socialmente permitida as mulheres como costureiras, bordadeiras e etc. Essas práticas cotidianas podem ser entendidas como o *habitus*, um princípio gerador de práticas classificáveis e capazes de definir condutas e valores.

O conceito de *habitus* que aqui apresentamos e fundamentamos nossa análise é o desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu ao longo de sua obra. De acordo com Setton (2002) o *“conceito de habitus tem uma longa história nas ciências humanas. Palavra latina utilizada pela tradição escolástica, traduz a noção grega hexis utilizada por Aristóteles para designar então características do corpo e da alma adquiridas em um processo de aprendizagem”*.

Para Bourdieu (2008) *habitus* é um conceito que compreende inúmeras práticas presentes no espaço social que contribuem para a formação do gosto e das diversas classes sociais, do mundo social representado, ou seja, o estilo de vida. As práticas cotidianas que formam o *habitus* são relacionadas tanto com a produção e a classificação das mesmas como também práticas que representam a diferenciação dos gostos e estilos de vida.

A apreensão do *habitus* social ocorre por meio da transferência de valores nos espaços domésticos e institucionais, como a escola, por exemplo, por meio da inculcação de conhecimentos, ações e atitudes.

A distinção presente nas tendências educacionais e metodológicas só poderá ser pensada em relação a outro momento, em oposição, na negação do outro. Deste modo compreende-

mos que o habitus não está relacionado apenas com o simbólico, mas sim com o social, com a compreensão do mundo e compactuamos com a teoria de Bourdieu de centrar nossas análises não no discurso, no simbólico e no seu deciframento, mas no contexto social que preside à criação de sistemas simbólicos e sociais, na ação, centrando nossa mediação entre o indivíduo e a estrutura em que ele está inserido. O habitus permite que o contexto social se renove e se reinvente, organiza, e gera práticas individuais e coletivas.



Exposição dos trabalhos realizados nas aulas de Trabalhos Manuais CAP - 1957

Fonte: Acervo Proedes

2. Diversidade e experimentação metodológica

Atualmente o contexto social e educacional é completamente diferente do apresentado acima. Inúmeras foram as metodologias e contextos em que a disciplina de Artes visuais esteve inserida desde a criação do CAp-UFRJ até os dias atuais. A história da disciplina de arte-educação acompanha a própria história da educação no Brasil que é repleta de períodos diferenciados, tendências e metodologias, que no ensino de arte vão desde a tendência tecnicista passando pela livre-expressão, pela metodologia triangular e etc.

O CAp- UFRJ é reconhecido por ser uma escola que visa à experimentação metodológica. A prática pedagógica de seus docentes não está relacionada a nenhuma metodologia fixa ou pré-estabelecida, e desde a montagem do CAp *estava presente a idéia de que o colégio deveria servir de laboratório de pesquisas no campo da educação secundária. Esta era a função pioneira dos colégios de aplicação das universidades americanas que serviriam de modelo para a implementação desse tipo de escola.* (ABREU,1992). Havendo, portanto, uma liberdade para os professores e licenciados desenvolverem pesquisas e experimentações metodológicas em suas práticas docentes.

A equipe de Artes Visuais do CAp-UFRJ procura desenvolver pesquisas metodológicas em diversas linguagens artísticas acompanhando o contexto atual, valorizando a interculturalidade e estimulando a diversidade metodológica, incluindo e dialogando com diversos modos de produção de linguagens visuais.

Compreendemos que na atualidade as culturas se desenvolvem umas em relação com as outras, por isso consideramos importante a inclusão e o diálogo com diversos modos de produção de linguagens visuais, sejam elas populares, tecnológicas, midiáticas, publicitárias e artísticas. Promovendo uma discussão sobre os assuntos que merecem ser discutidos pela disciplina, e criando uma metodologia híbrida, inclusive na formação dos licenciandos, apresentando uma pluralidade de métodos e caminhos.

De modo que é muito importante conhecermos a história da nossa disciplina, e tendências metodológicas do passado, para termos um conhecimento crítico de nosso percurso, e uma diversidade de possibilidades de trabalho e atuação com nossos alunos.

A arte educação baseada numa definição pós-moderna está potencialmente conectada ao resto da vida, não tendo limites entre a arte e o contexto social maior ao qual ela pertence, tornando-se bastante difícil escolher o que deve ser estudado. (EFLAND, 1998). É necessário agir na desconstrução do conhecimento pré-estabelecido e interagir com diversas culturas e com o

contexto social, estimulando a consciência crítica dos estudantes, começando pelo conhecimento de nossa trajetória e identidade da nossa disciplina. Apropriando-se e conhecendo para desafiar o *status quo*.

No livro *Ensino da Arte: Memória e História* (2008), a pesquisadora Ana Mae Barbosa reúne memórias e histórias do ensino da arte através de textos de pesquisadores acerca da trajetória do ensino de arte no Brasil em diferentes momentos históricos. A pesquisadora justifica a *organização* deste livro afirmando *que cada geração tem direito a reinterpretar sua herança histórica, por isso o conhecimento histórico é essencial para a formação da consciência política do indivíduo*.

Devemos como educadores de arte ter a liberdade para estudar e dialogar com nossa trajetória e com objetos das tradições populares e folclóricas que foram por muito tempo ignorados em nossa disciplina. O diálogo que propomos aqui com os trabalhos manuais, considerado uma atividade menor dentro da nossa área, tem como objetivo a inclusão de metodologias do passado em nossas aulas e pesquisa docente.

Nos dias atuais, a tecnologia de ponta, o consumo desenfreado e a mecanização de técnicas artesanais fizeram com que os trabalhos manuais fossem esquecidos pelas novas gerações e pelo sistema de ensino, que os considera ultrapassados. Entretanto compreendemos que diante do momento atual que nos possibilita a multiplicidade de linguagens e metodologias na educação, procuramos resgatar nas aulas de Artes visuais essas técnicas. Não com o enfoque metodológico que era transmitido no passado, mas através de uma linguagem contemporânea, apresentar e propor aos estudantes trabalhos e projetos que resgatem esse tema utilizando materiais como linhas e agulhas, criando relações com a sociedade industrializada e tecnológica.

Como por exemplo, em projetos que venho realizando com turmas de Ensino Fundamental no CAP - UFRJ, onde os estudantes entram em contato com tecidos, linhas e agulhas, conhecendo a história do tecer ao longo na humanidade até as tecnologias têxteis dos dias atuais e produções artísticas contemporânea que utilizam estes materiais como os artistas Leonilson, Bispo do Rosário, Leda Catunda, João Modé, Família Dumont, e etc. Nestes projetos, os estudantes bordam, pintam tecidos, com diferentes técnicas de pintura têxtil, produzem fuxicos, bonecos de pano, criam intervenções com lãs, linhas e etc.

Esses resgates são muito importantes na relação ensino - aprendizagem, pois através dos depoimentos dos estudantes que relatam que *“esses trabalhos são feitos por suas avós”*², ampliamos o debate sobre o respeito às pessoas idosas , que muitas vezes são excluídas da participação social, além da valorização dos seus saberes tradicionais e da cultural material brasileira. E possibilita reflexões sobre a moda, o consumo, as tribos diferenciadas pela indústria, a apropriação dessas técnicas artesanais pela indústria e etc.



Aluno costurando nas aulas de Artes visuais no CAp – 2007.

² De fato, a geração que aprendeu essas técnicas quando criança e que ainda produz e guardam consigo essas práticas está entre nós na figura da avó, da tia avó, etc.

3. Conclusão

Em nossas aulas de artes visuais não podemos desconsiderar a própria história da disciplina, suas tendências pedagógicas e o saber técnico e inventivo presente no cotidiano do povo brasileiro, pois compreendemos que em nossa sociedade muitos são os objetos que se tornam invisíveis e que são diluídos em nossa cultura material. E pensar sobre a trajetória da nossa disciplina é refletir também sobre as aulas de Trabalhos manuais e os objetos produzidos nestas aulas com linhas e agulhas.

Sabemos que a prática do tecer acompanha a história da humanidade, em todas as culturas, inclusive nas mais remotas civilizações. Inúmeras são as histórias que representam a importância desses fazeres para a humanidade, um saber técnico, doméstico e feminino, e que mesmo na contemporaneidade seu fazer não desapareceu, resiste ao progresso e permanece vívido no imaginário feminino, sobretudo no Brasil que possui uma tradição e produção artesanal imensa de artefatos bordados, rendas e tecelagem.

Concluo esse trabalho, considerando que esses assuntos devem ser discutidos, resgatados e aprofundados pelo sistema de ensino e nas aulas de Artes visuais, que deverá ampliar o diálogo com as diversas metodologias existentes no passado nos dias atuais contribuindo para a memória, pesquisa e ampliação da prática docente. Promovendo uma discussão sobre o modo de incluir os trabalhos manuais e populares em nossas disciplinas, e criado deste modo, uma metodologia aberta e híbrida, que estimule a consciência cultural e crítica do aluno, começando pelo reconhecimento de nossa trajetória.

Bibliografia

ABREU, Alzira Alves de. Intelectuais e guerreiros : o Colégio de Aplicação de 1948 a 1968. Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 1992

BARBOSA, Ana Mãe (org). Ensino da Arte: memória e história. São Paulo: Perspectiva,2008.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. – São Paulo: Perspectiva, 2007. (coleção estudos).

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª ed. São Paulo – Edusp, 2006.

EFLAND, Arthur, D. Cultura, sociedade, arte e educação num mundo pós-moderno. IN: O pós-modernismo. J.Guinsburg e Ana Mae Barbosa, organização. São Paulo:Perspectiva,2008.

FERRAZ,Maria Heloisa Correa de Toledo e FUSARI,Maria F. de Rezende. Metodologia do Ensino de Arte. São Paulo: Cortez,1999 – 2.ed.

Fontes primárias

PROEDES – UFRJ: Programa de estudos e documentação educação e sociedade.

ENS.055 P 034

ENS 056 P034

ENS 057 P034

ENS 067 P034 – 2

ENS 067 P034-3

Sites consultados

www.anped.org.br – http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE20/RBDE20_06_MARIA_DA_GRACA_JACINTHO_SETTON.pdf

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu:uma leitura contemporânea.